

CORPO DOCENTE, MASCULINIDADE DANÇANTE

Rogério Machado Rosa¹

Doutorando em Educação – CED/UFSC.

rogeriomachado6@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

Este texto corresponde a um aprofundamento da minha dissertação de mestrado onde inseri na arena o debate sobre a criação do corpo-masculino-docente. Procurei compreender como professores que experenciam a “insubmissão à masculinidade hegemônica” constroem seus corpos e suas masculinidades na relação com a o exercício da docência em nível de Ensino Médio.

Aqui, especificamente, darei ênfase reflexiva a excertos das narrativas docentes, obtidas sob forma de entrevista, que aludem a acontecimentos biográficos que segundo eles estão associados ao processo de criação dos seus corpos e de suas masculinidades: corpos-masculinos-menores². Essas narrativas, na ocasião da minha pesquisa de mestrado, não puderam ser analisados em razão da escassez de tempo para finalização do estudo. Porém, na presente oportunidade, retomo analiticamente algumas passagens dos discursos associados aos pseudônimos de três docentes entrevistados: Híbrido, Ricardo e Curinga. Mantendo-se, assim, a mesma opção metodológica eleita na ocasião do desenvolvimento da dissertação; onde optei pelo

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – CED/UFSC. Professor do Departamento de Metodologia de Ensino – MEN/CED/UFSC. Pesquisador do Núcleo Vida e Cuidado: Estudos e Pesquisas sobre Violências – NUVIC/UFSC.

²Deleuze e Guatarri (2014), na obra “Kafka - por uma literatura menor”, desenvolvem o conceito de “literatura menor” como dispositivo para analisar a obra de Kafka. A ideia de *corpo-masculino-menor*, advém desses pressupostos.

uso de nomes fictícios para me referir aos sujeitos da pesquisa. Opção esta à época feita em comum acordo com os entrevistados.

Farei essa discussão amparado, particularmente, na perspectiva do Corpo sem Órgãos (CSO) de Deleuze e Guattari (1996). Buscarei cartografar o processo de variação-deslocamento-multiplicação do corpo masculino docente a partir dos blocos de sensações que os encontros nele impregna, engendrando derivas e inspirando a experimentação do Corpo sem Órgãos (CsO). A intenção é trazer à tona, a estética das sensibilidades dos agenciamentos afetivos que produzem os corpos e as masculinidades dos professores em questão.

O corpo docente masculino será tomado, então, como plano de inscrição e veículo das forças afetivas e vibratórias que por ele passam e que o coloca em movimento de desterritorializações e reterritorialização: forças-fluxos que vibram corporalmente. Problematizarei, assim, o lugar do encontro pedagógico como possível dispositivo maquínico, apontando para a ideia de que os agenciamentos produzidos a partir daí, operam na criação de um corpo-masculino-marginal.

Como já anunciado anteriormente, farei um exercício analítico de excertos de algumas narrativas de professores participantes de minha pesquisa de mestrado. Os dois primeiros convidados a participar da referida pesquisa, haviam trabalhado na mesma escola que eu há alguns anos. Eles se alinhavam ao perfil desejado para efeito do objetivo estabelecido na proposta de pesquisa, a saber: conhecer como professores atuantes no Ensino Médio e que não se inscrevem nos padrões sociais e culturais em termos de performances corporais e de gênero, constroem seus corpos e suas masculinidades na relação com o exercício da docência. No primeiro contato com ambos, explicitarei a temática e os objetivos em foco e convidei-os para serem parceiros neste projeto no sentido de, com os seus depoimentos, colaborarem com a

realização da pesquisa. Concordaram em conceder-me entrevistas e também me ajudaram a localizar outros professores com perfil semelhante, pois a proposta era entrevistar entre sete e dez professores que de alguma forma transgredissem o modelo socialmente dominante de corpo masculino. Obviamente, não havia um critério rígido para a escolha desses entrevistados, mesmo porque a maioria deles eu desconhecia. A característica fundamental era a não conformidade ao modelo canônico de corpo e de masculinidade reiterado socialmente e isso poderia ser expresso de diversas maneiras, seja no contato mais afetivo com alunos/as e colegas de trabalho, por uma postura mais plástica em termos de performance de gênero, entre outros modos de expressão. Enfim, para evitar cair nas armadilhas do determinismo binário, a ideia era entrevistar professores que de alguma forma borrassem as fronteiras do imbricamento corpo x gêneros.

Nessa escritura-viagem, falo de um lugar muito específico, a docência. Espaço este que ocupo e do qual não saio ileso. Na efervescência da relação pedagógica, os desejos, as performances de gênero, o pensamento e o estilo de convivência são lançados aos domínios do indiferenciado. Todavia, adverte-nos Deleuze (1991,p. 173).) que, para não sermos diluídos no caos das forças abissais que os encontros forjam, prudência é necessário. Assim, tem sido necessário manter “um mínimo, um mínimo de estrato, um mínimo de formas e de função, um mínimo de sujeito para dele extraíamos materiais, afetos e agenciamentos.

Cabe aqui, também, a seguinte advertência: o sujeito a ser conhecido nunca será totalmente conhecido, posto que está sempre por vir. Sua linguagem, seus costumes e suas performances são expressões de sua fugacidade. O outro é uma passagem. Sua linguagem talvez seja o mais (im)palpável que possa expressar de si . Skliar (2003, p. 139) argumenta que “o outro não se pode conhecer, nem se pode nomear e ainda que se queira capturá-lo, ele sempre se afasta”. Dando mais ênfase a essa ideia, Derrida (1997, p. 139) afirma:

No rosto, o outro se entrega em pessoas *como outro*, ou seja, com o que não se revela, como o que não se deixa tematizar. Não poderei falar do outro, converte-lo em temas, dizê-lo como objeto, no acusativo. Somente posso, somente *devo* falar do outro, chamar-lhe em vocativo (...).

O outro, desassossegado, itinerante e fugidio anuncia a impossibilidade de conhecê-lo (pesquisá-lo) empreendendo uma atitude linear que busque situá-lo num antes-durante-depois, ou defini-lo a partir da decifração de seus códigos linguísticos, culturais ou sociais. Na pós-modernidade, argumenta Louro (2004,p.13) “parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante”

Uma das contribuições importantes que vem costurando alguns autores e autoras inspirados na perspectiva pós-estruturalista, é um amplo questionamento sobre o domínio da razão, ao sujeito racional, livre, autônomo, soberano da Modernidade. O que nos atrai nessa perspectiva é como este movimento vem desalojando, empurrando para os limites as formas de verdades que foram produzidas ao longo dos tempos. Sua radicalização não consiste no novo, mas em debruçar-se num movimento de desconstrução da história, não para destruí-la, mas para tomá-la sobre seus diferentes discursos.

Foucault (2005), por exemplo, nos permitirá, nessa direção, um olhar muito intrigante sobre a história, principalmente a partir de seus estudos genealógicos. A história, assim, é vista por suas discontinuidades, por aquilo que vaza, com isso, critica a perspectiva da linearidade histórica, presentifica os acontecimentos, suas histórias, mas, sobretudo, sua política (DELEUZE, 1991).

Segundo Veiga-Neto (2004) genealogia faz um tipo especial de história. Trata-se de uma história que procura a gênese no tempo, não para buscar um “momento de origem”³ mas para escutar a história em seu próprio funcionamento, em sua materialidade, o(a) genealogista (...) aprende que “atrás das coisas há ‘algo inteiramente diferente não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são em essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas” (VEIGA-NETO, p. 66).

Para a abordagem da categoria “corpo”, me apoio em dois autores, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), que em parceria construíram o conceito de “Corpo sem Órgãos”. Em “O Anti-édipo”, Deleuze e Guattari, inspirados no dramaturgo e diretor de teatro Antonin Artaud, criam o conceito de Corpo sem Órgãos. Opondo-se à ditadura do corpo organizado em órgãos, alvo dos mitos, disciplinamentos e essencializações biológicas, o Corpo sem Órgãos instaura-se e opera em espaços intervalares. É feito de devires os quais nunca se alcançam e que, por isso, é um corpo por vir. É exatamente essa característica do CsO, a fugacidade, que o torna resistente às instâncias disciplinadoras que desejam confinar o corpo num aparato meramente biológico.

CARTOGRAFANDO SABERES E SENTIDOS SOBRE AS MASCULINIDADES

Busquei em Robert Connell (1995), Marie-Hélène Bourcier (2005) e Pedro Paulo de Oliveira (2004) aproximações para subsidiar meu trabalho com a categoria *masculinidades*. Advirto, inicialmente, que a partir desses autores essa categoria deixa de ser pensada no singular e adquire o plural como status. Porém, antes de ater-me à noção de masculinidades proposta pelos autores, considero relevante reportar-me aos

³Veiga-Neto (2004) nos coloca que quando operamos esta crítica estamos nos referindo ao sentido “duro” da palavra origem, como “o lugar da verdade” mas que também podemos entender a *origem* como *proveniência*, como um ponto de recuo no tempo em que o eu inventa para si uma coerência.

escritos de Michel Foucault (1985), em História da Sexualidade, Vol. 1, texto do qual partem os autores acima citados, pois nele o filósofo francês afirma que foi no bojo da transição da era clássica para a moderna que o conceito de sexualidade e com ele a noção de masculinidade e de feminilidade também foi desenvolvido no Ocidente. O autor destaca que tanto a ideia de masculinidade quanto a de feminilidade hegemônicas estiveram associadas ao espírito desse período de transição e coincidem com a construção de dispositivos disciplinares como a escola, o hospital e a prisão, entre outros, que tinham como objetivo comum à construção do sujeito moderno. Porém, do mesmo modo que o conceito de masculinidade fundou-se no interior do pensamento moderno, também é abalado com o advento da “Crise da modernidade”.

Assim, afirma Oliveira (2004), a eclosão do que hoje chamamos de pós-modernidade que, marcada pela desconstrução das grandes promessas, intercâmbios culturais e desmanche de fronteiras identitárias, abala as referências instituídas no período moderno, deflagra uma espécie de pulverização da noção de masculinidade. Gradativamente a clássica representação social do masculino hegemônico – o macho, viril e provedor – começa a ganhar flexibilidade e comportar outros modos de expressão. Muitos deles engendraram-se na contramão do modo de homem reverenciado socialmente.

Já Connell (1995) revela-nos que a modernidade não gerou apenas um modelo de masculinidade, mas vários. Contudo, deu visibilidade e legitimidade a apenas um deles, tornando-o hegemônico de modo a custar caro aos sujeitos que não aderiam a esse modelo. Parece-me conveniente destacar que na pós-modernidade esse modelo hegemônico de masculinidade ainda possui força e opera em larga escala. Todavia, percebe-se na cena social a presença de um número expressivo de diferentes modelos de masculinidade, o que não significa que haja uma total aceitação dos mesmos. Mas é fato que as transformações do tempo presente, atreladas às lutas políticas dos movimentos sociais (feministas, gays, lésbicos...), que reivindicam a legitimidade das diferenças, contribuíram significativamente para a ampliação da noção de masculinidade. Nesse caso, fica evidente que as lutas das políticas pós-identitárias travadas ao longo dos tempos contribuem tanto para a descontração da concepção naturalística do gênero, quanto para a dissolução do binarismo masculino x feminino.

Nessa ótica, não faz mais sentido falarmos em masculinidade no singular e sim no plural, masculinidades, haja vista que uma masculinidade fabrica em torno de si derivas de outras masculinidades (CONNELL, 1995). Nessa linha argumentativa, Connel(1995, p 188) sugere que a “masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (p. 188). E segue dando ênfase na dimensão plural do masculino afirmando que existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Portanto, em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades”.

Habitamos um mundo marcado por incertezas e constantes transições. A construção do corpo e das marcas que ele carrega, como as de gênero e de sexualidade, por exemplo, também são expressões de suas experiências mundanas. Para Agamben (2005), o que define a experiência não está na interioridade do que ocorre, mas depende da posição do sujeito da experiência. O modo como fazemos nossas experiências subjetivas, num mundo marcado por fluxos cada vez mais velozes, põe em cheque qualquer pretensão ao sossego. A denominada condição pós-moderna, marcada pelo aceleração da experiência humana, tem provocado “certo atordoamento no atual ritmo de vida e possibilita novas formas de sociabilidade que ainda não estão completamente assimiladas, pelos agentes e instituições” (OLIVEIRA, 2004, p. 87).

Vivemos em tempos líquidos, sustenta Bauman (2001), ao afirmar que atualmente o que experienciamos nada mais é do que a diluição dos propósitos universalizantes da modernidade. A fugacidade dos tempos e das experiências na contemporaneidade, além de incidir na construção da cegueira do que somos e estamos fazendo de nós mesmos, como nos alertou Nietzsche (1986), também produz fortes impactos sobre os modos como vivemos nossos afetos, nossas relações intersubjetivas, e, sobretudo, sobre o modo como constituímos nossas identidades. Conforme seu trânsito social, cada sujeito acaba por experimentar variações de

sentidos na medida em que dialoga com sujeitos oriundos de contextos com distintos sentidos.

Isso parece ser aplicado, especialmente, ao âmbito dos saberes sobre a construção das identidades masculinas no tempo presente. Oliveira” (2004, p. 278), destaca que “não apenas algumas vivências da masculinidade são mais típicas de alguns grupos, mas que algumas são típicas de alguns contextos, de algumas interações e não de outras. O autor chama atenção para uma espécie de *hibridização* dos sentidos de masculinidades produzidos no bojo das dinâmicas pós-modernas. Ainda a esse respeito ele afirma:

Será necessário também pensar em vivências diferenciadas inclusive para um mesmo agente, ou seja, uma variação na expressão dos modos de ser masculino de acordo com suas diferentes interações. Evidentemente, alguns agentes, em função de suas posições sociais, terão maior possibilidade de trânsito que outros, o que explicaria uma maior gama de vivências masculinas. Isso tornaria compreensível os predicados culturais contraditórios que compõem o leque de descrições para uma vivência masculina (hegemônica, subordinada, predatória, responsável, etc.) e suas possibilidades de expressões diferentes de modos de ser masculino no mesmo agente. (OLIVEIRA, p. 278 – 279)

Fica evidente que as crises geradas pelos atravessamentos que tecem a organização do tempo presente (globalização, mídias, conflitos religiosos, volatilidade econômica, concentração de poder político, tecnologias, entre outros), redesenham os modelos de sociabilidade na contemporaneidade, e, sobremaneira, os modelos de subjetivação masculina sustentados na relação de domínio dos homens sobre as mulheres. Certamente, apenas numa época em que as certezas estão em discussão é que se poderia imaginar que um ideal, até então indiscutível, como foi o caso do ideal de masculinidade, passasse a ser alvo de atenção, em função de sua possível inadequação aos novos tempos.

CORPOREIDADE MASCULINA HÍBRIDA: DOCÊNCIA PLURAL

As máquinas desejanter (estado, família, igreja, escola, etc.), movidas pela lógica da falta, pretendem nomear e estabilizar o corpo. Buscam sua conformidade e produzem organismos que fazem o corpo padecer. O que Deleuze e Guattari (2004) nomearam de *corpo sem órgãos (CSO)* é exatamente o oposto a isso: amorfo, indiferenciado, sem organização, inconsumível. É um corpo sem imagem, mas isso não significa que o corpo sem órgãos é o nada, pelo contrário, ele é pleno de intensidades. O CSO repudia as máquinas desejanter, mas também as atrai e apropria-se das mesmas:

O corpo sem órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados pelos cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre". (DELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 46)

Trata-se de um corpo inapreensível que resiste ao poder e inaugura-se outro? Corpo que foge e escapa? Corpo que nunca é totalmente domesticado, pois está sempre além de si mesmo e das possibilidades de ser controlado e capturado? E sobre os tipos de masculinidades que se materializam nos corpos e dão movimentos e formas aos corpos dos professores participantes desta pesquisa, que tipo de elucidação e de aproximação é possível ser feita a partir do estabelecimento de um diálogo com Deleuze e Guattari? Mas de que corpo, efetivamente, estamos falando?

Um corpo biológico, construído por órgãos, tecido e uma seqüência de DNA, objeto de pesquisa, que, na contemporaneidade, atingiu seu pico? O corpo da ciência, da engenharia genética, que faz experimentos como o da clonagem e estudos a partir das *células-tronco*? O corpo, objeto da medicina, que tem vísceras, intestinos, que possui um fora e um dentro, esmiuçados nas radiografias, em exames cada vez mais complexos e por aparelhos que escrutam os lugares mais recônditos e acabam por realizar um ideal de visibilidade que exclui o sujeito de seu saber? O corpo, imerso em intrincadas relações de poder, que se apresenta como marcas de distinção da sociedade? O corpo supliciado e outrora exibido em praças públicas, alvo de repressão penal? O corpo dócil, domesticado pela disciplina e pelo trabalho? O corpo, vigiado em todos os seus pontos por um olhar invisível? O corpo da moda, cuja roupa que o encobre pode trazer a

assinatura do estilista, a *griffe*, ou apenas o corpo nu, despojado de qualquer vestimenta ou adorno, sem não, contudo, portar traços, dobras e grifo próprio? O corpo, que sai do espaço privado da casa e ganha as páginas dos jornais, as propagandas de TV, os anúncios das revistas, os *outdoors* da cidade e transita pelas ruas? (LINS & GADELHA, 2002, p. 81)

Como ponto de partida para a análise das narrativas docentes, tomo a questão de Deleuze, que para ele era também a questão de Espinosa (2013), qual seja, “O que é possível ao corpo?”. A pergunta é provocativa. Remete-nos à ideia de corpo como potência, que tem poder de ação sobre o mundo e sobre si próprio. Também nos permite supô-lo em seus limites, fragilidades e (im) possibilidades.

Com efeito, a materialidade do corpo também é marcada por divisores étnicos, de classe social, de gênero e sexualidade, por exemplo. São processos indissociáveis e simultâneos que conferem ao corpo um caráter plástico, móvel e plural. Percebemos que são múltiplas suas formas de expressão e modos de organização e que sua materialidade está intimamente associada às suas maneiras de inserção no mundo. Isso se evidencia na fala do professor Híbrido ao remeter-se ao lugar ocupado pelo corpo no ofício docente:

Então, eu acho que ser professor, de alguma forma, é ser pretensioso. É gostar de ter seu corpo em evidência. Eu acho que, quem não consegue lidar bem com o próprio corpo, não consegue ser um bom professor, porque eu acho que essa evidência que o professor tem; essa coisa do não anonimato exige de nós um bom nível de autoconhecimento (entrevista concedida em 12 de junho de 2009, p. 08).

Híbrido fala do corpo e suas possibilidades. Fala do poder afetivo do corpo. Fala dos poderes do corpo e sua capacidade de alterar os espaços por onde transita e também de sua capacidade de ser afetado e transformado pelo contato com outros corpos e espaços. Fala ainda da conquista da identidade de professor. Ressalta que ela se dá num processo de exposição do corpo à alteridade. Contudo, se partimos da pergunta “o que é possível ao corpo?”, cabe perguntar também: de que corpo estamos a falar? Que corpo é esse sobre o qual comenta o professor Híbrido?

A narrativa do professor Ricardo também parece remeter-nos a um corpo *outro*, diferente. Ela fala das reações e percepções que tinha do seu corpo quando na presença, em sala de aula, de uma aluna, considerada por ele a mais bela e dedicada da turma pela qual ele também se sentia fortemente atraído. Seu comentário também nos dá algumas pistas que nos aproximam da noção de corpo que aqui está em jogo. Vejamos:

O que eu fazia ao percebê-la me olhando? Eu não dava bola, mas percebia. Eu deixava de me vestir bem? Não. Eu me vestia melhor ainda, tá. Eu me vestia melhor ainda, e aí é que eu procurava me mostrar. Ela não me fez deixar cair a peteca, sabe? Ela me deu um plus, me deu mais força, é... Isso é normal em qualquer relacionamento, tu se sente pra baixo e de repente você encontra aquela pessoa e o que acontece? Te valoriza, te joga pra cima, e ela fez me sentir assim, sabe? Eu não baixei a guarda não, eu continuei, agi naturalmente, discretamente e tal. E eu correspondia às vezes, com olhares, eu ria, eu brincava, eu consegui levar, porque por um momento eu pensei assim: e se eu chutasse o pau da barraca? Mas ficou por isso mesmo. Mas ela me ajudou muito, muito. Me sentia mais vivo, meio embriagado (entrevista concedida em 12 de junho de 2009, p. 03).

O professor Ricardo experimenta um corpo pulsante, potente e atravessado por desejo e prazer. Corpo que se altera ou mesmo se (re) organiza na experiência do encontro com outro corpo. Narra um corpo que está para além de um organismo organizado em partes e órgãos. Mas que corpo seria este? Talvez esse corpo aproxime-se do Corpo sem Órgãos (CsO)⁴ de Deleuze e Guattari (1996).

Mas o que seria um CsO segundo esses autores? Antes deles, com o dramaturgo Antonin Artaud (1983), houve a primeira aparição desse tipo de corpo. Ele acreditava sermos atravessados/as por linhas e fluxos. Provém dele a inspiração na qual arte, vida, poesia e realidade encontram-se num espaço onde se conectam fluxos e delírios comunicativos. As linhas, ora produtos do acaso, ora inventadas por nós, compõem-nos. Ele assim se narra: “Eu sou homem pelas minhas mãos e meus pés, meu ventre, meu coração, minha carne, meu estômago, cujos nós me reúnem à putrefação da vida” (ARTAUD, 1983, p. 152). E segue, poeticamente:

⁴Sigla para Corpo sem Órgãos.

Quem sou? De onde venho? Eu sou Antonin Artaud, e basta dizê-lo. Imediatamente, vereis o meu corpo atuar. Voar em estilhaços e em dois mil aspectos notórios. Refazer um novo corpo. Onde nunca mais podereis esquecer-me (ARTAUD, 1983, p. 161).

O autor parece falar de um corpo em estilhaços que produz outro corpo. Feito de linhas de forças que cruzam, chocam-se e lançam-se para múltiplas direções. Um corpo feito de linhas errantes, sem direção e que desenham um corpo-movimento, dançante. Nele tudo começa. Tudo termina e escapa. Um corpo em devir? Um corpo fora de órbita? Fora da lógica, transgressivo? Seria esse o Corpo sem Órgãos que também encontramos em Deleuze e Guattari? Atemo-nos ao que os autores têm a nos dizer sobre o CsO:

O CsO não é desejo, mas tem desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgão não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. Diz-se: que é isto – O CsO – mas já se está sobre ele – arrastando-se como um verme, tateando como um cego ou correndo como um louco, viajante e nômade na estepe. É sobre ele que dormimos, velamos, que lutamos, lutamos e somos vencidos, que procuramos nosso lugar, que descobrimos nossas felicidades inauditas e nossas quedas fabulosas, que penetramos e somos penetrados, que amamos. (DEELEUZE & GUATTARI, 1996, p. 28)

O Corpo sem Órgãos desafia a lógica, a simetria e a linearidade. É o corpo da experiência, com suas próprias forças. É o corpo livre da interpretação e do juízo cultural que impedem a construção de novos modos de vida e organização a ele. Na experiência docente, conforme relata o professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009, p. 02):

Sem dúvida nenhuma, o corpo do professor tem potência. Uma vez foi engraçado... Eu saí para buscar... Acho que giz, não me lembro bem, e quando entrei na sala, assim, uma aluna olhou pra mim e falou: professor, o senhor não caminha. O senhor flutua. O senhor desfila. Essa coisa de toda a idealização, o que poderia ser uma 'bichice' na rua, passa a ser um diferencial na escola. Até a própria expressão que a aluna utiliza, 'o senhor

não caminha, o senhor flutua, desfila...’ Aí eu brinquei: uma borboleta, não é? Parece uma borboleta, não sei o que... a gente ficou rindo com essa coisa. Isso mostra que o teu corpo é algo muito presente, sobretudo na relação com os alunos (p. 02).

O corpo do referido professor, conforme seu depoimento, parece desterritorializar-se e assumir diferentes sentidos, formas, nomes e modos de expressão. Nesse caso, encontramos um corpo em devir. Um corpo leve e traçado por intensidades velozes, pois, segundo a aluna, ele não caminha, mas flutua e desfila. Esse corpo-docente é marcado por certa “bichice”, que “na rua seria um problema”, mas na escola e na relação com os/as alunos/as, passa a ser possível. Passa a ser “um diferencial”. Nesse caso, notamos que a relação pedagógica apresenta-se com lugar de inventividade e mesmo de transgressão dos corpos.

Percebemos, na narrativa do professor Híbrido (comunicação pessoal, 12 de junho de 2009), o devir animal do seu corpo. Ele conta o que ouviu da sua aluna ao entrar na sala. Diz a aluna: “O senhor não caminha, o senhor flutua, desfila”, e segue: “Aí eu brinquei: uma borboleta, não é?”. Ele associa-se a uma borboleta. Um corpo alegre, que voa e ri do modo como se experimenta e acontece. Um corpo que está para chegar e não um corpo que reclama sua originalidade.

Ao contrário, podemos perceber que, como em passos de dança, o encontro do professor com a aluna produz relativo descontrole dos corpos de ambos. Há lugar para o afeto, o gracejo, o sarro e o riso. Esses corpos dançarinos alargam-se em suas possibilidades quando embalados pelos movimentos do balé do encontro e passam a ser habitados de modos diferentes, prolongam-se. Nasce um corpo cheio de possibilidades, híbrido, bizarro. “Para habitar melhor seu corpo e também comandá-lo, esqueçam-se dele, pelo menos em parte. É necessário certa inconsciência dele” (SERRES, 1994, p. 43). Sim, um corpo que se desterritorializa, abre-se para o mundo e afirma-se no movimento de diferenciação que imprime. Ele descola-se de si.

Isso também aparece na narrativa do professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009, p.08). Ele fala das possibilidades que se abrem ao corpo no encontro com os/as alunas/os:

O corpo grita! (risos) De várias formas. A libido, a fantasia... Que acontece. Quer dizer, enquanto tu vai ouvindo a fala do outro tu vai interagindo com ele, ao mesmo tempo, às vezes tu se entrega a eles em pensamentos. O corpo também sente essas mudanças. Então, tu vai vendo outras possibilidades.

Percebemos um corpo que caminha (flutua) rumo à "... alteridade e à singularidade. Portanto, aí o fato de que o CsO deve ser criado; trata-se sempre de um corpo pleno a *adevir*. [...] trata-se sempre de um corpo em ex-apropriação, tanto monádico, quanto rizomático, curto-circuito, misturado" (DOEL, 2001, p. 97). O Corpo sem Órgãos é um corpo intervalar. Sem rosto, sem identidade e sem imagem de si. Todavia, isso não significa dizer que o CsO é um nada, pois ele é pleno de intensidades que por ele passam e circulam. Deleuze & Guattari (1996, p.46) comentam:

O Corpo sem Órgãos é produzido como um todo, mas no seu lugar próprio, no processo de produção, ao lado das partes que ele não unifica, nem totaliza. E quando se aplica, se rebate sobre elas, induz comunicações transversais, somas transfinitas, inscrições plurívocas e transcursivas sobre sua própria superfície, onde os cortes funcionais dos objetos parciais são sempre re-cortados por cortes das cadeias significantes e os de um sujeito que aí se descobre.

Temos em Deleuze e Guattari (1996) um corpo que desliza e escapa. Ele é rebelde, portanto. É atravessado por eixos, graduações e intensidades e não por representações. O CsO é feito do que é vivido. São forças, potencialidades, derivas, limites e graus que se dão por aproximação e distanciamento e constroem estados intensivos. O CsO é um acontecimento singular, passageiro e intenso. Ele é produzido na experimentação das forças puras, contudo não é um corpo vazio, mas transbordante. Ele transborda de intensidades que o corta e o (re)define permanentemente. É um movimento veloz; um salto no abismo; um perigo e/ou uma

provocação; um devir corpo e não um corpo a priori. Ele escapa a toda interpretação e/ou significação. Como um nômade, está em todos os lugares e em lugar nenhum. Um corpo híbrido.

Percebemos, assim, que os corpos e as masculinidades dos docentes miram rotas oblíquas, horizontes inalcançáveis e territórios ainda sem nome. Buscam a construção de espaços em si e fora de si, que parecem deslizar para fora de todo lugar demarcado e/ou instituído: heterotopias. Elas”, reitera Foucault (2003, p. 27) “são lugares fora de todos os lugares inda que absolutamente localizáveis. Podemos pensá-las ainda como resíduos, estilhaços ou elementos estranhos que mudam a forma e os movimentos de um corpo ou de um lugar comum. São atravessamentos e investimentos rebeldes e insistentes que operam nos lugares instituídos e engendram novos acontecimentos.

Por fim, essas reflexões me possibilitaram criar novas perguntas acerca da temática em foco, ao invés de fechamentos conclusivos. Apresento alguns deles: trata-se de corpos e masculinidades de passagem? Aqueles irredutíveis à expressão de um movimento de busca por aquilo que ainda não tem nome, nem identidade e nem lugar localizável, embora, paradoxalmente, localizável? Corpos às margens. Masculinidades rebeldes. Corpos que excedem. Masculinidades que excedem. Seria o encontro com os outros, o lugar de construção de heterotopias? Um espaço de liberdade onde os professores e também os/as alunos/as experienciam a criação? Seriam essas algumas das revelações que os personagens dessa trama tentam nos contar, ou seja, narram a experiência de corpos e de masculinidades errantes e refugiadas que arquitetam heterotopias de si? Corpos sangrentos e masculinidades sedentas que, nas dobras, experienciam o sopro da vida e a agonia da morte? Como responder a tais perguntas sem cair nas armadilhas que fundamentam os *jogos de poder e de verdades*⁵? Seria mesmo necessário responder a elas? Talvez o mais

⁵ Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault (1989), compreendendo a via genealógica da articulação entre o conhecimento e a verdade, adota a perspectiva do corpo; a relação íntima e singular que ocorre entre o saber e o poder é definida sob uma tecnologia política do corpo, pela qual este surge como alvo predileto do processo de racionalização instrumental. Ao criticar a racionalidade *bio-técnico-política*

prudente seja deixarmos a palavra do outro em aberto, para que multipliquem seus sentidos e perpetuem seu mistério. Uma narrativa misteriosa de onde brotam novas perguntas, porque expressa a realidade de corpos e de masculinidades contingenciais, (in)disíveis, portanto.

DERRADEIRAS CONSIDERAÇÕES

Temos, no caso dos professores citados, corpos riscados e rabiscados pelo risco que assumem ante o desejo e a possibilidade de (re) invenção de si. “O corpo grita quando estou junto com os alunos!”, argumenta o professor Curinga (comunicação pessoal, 10 de maio de 2009, p. 05). Grito agonizante diante das pequenas mortes, necessárias para a celebração de uma nova vida? Grito de prazer pelo vislumbre de outras possibilidades para si? Grito de dor pelo rasgo causado pela alteridade? Grito de vitória pelo vislumbre de novos sentidos e de uma nova imagem de si? Seria o grito, a voz dilacerada do corpo? Ou o som que expressa em seus ecos a potência do corpo?

A essa altura, ouvindo o grito do corpo-docente, estamos diante do que Derrida (2002) chamou de “escrita do corpo” – “a palavra soprada” que risca o ar, vibra e traça a diferença. O corpo-docente-gritante em “trabalho de parto”, parindo diferenças? Um corpo-máquina⁶, ou uma máquina-órgão, paradoxalmente, produtora de multiplicidades e diferenças.

Poderíamos, ainda, perguntar: é possível saber o que pode o corpo? E quando falamos do *corpo-docente-masculino*, é adequada a mesma indagação? Assim como o mundo, o corpo é um perpétuo vir-a-ser, é movido pela *vontade de potência*. Esse corpo errante, rebelde e desejanter, como nos alerta Foucault (1984), opõe-se à força da moral. O corpo como vontade de potência resiste e nos faz ir mais adiante. Ele

característica da Modernidade, o autor visa delinear a genealogia do indivíduo moderno enquanto objeto. Assim, parece enfatizar, cada vez mais, a íntima relação entre verdade e processo de violências. ⁶Segundo Deleuze & Guatarri (1996), por máquina se entende a combinação de elementos sólidos cada um dos quais com a sua função especializada, e funcionando sob controle humano para construir um movimento e executar um trabalho. As máquinas são produções de produções, sistema de produção de fluxos e cortes que se prolongam, incessantemente, para outros estados.

resiste aos dispositivos disciplinares, como a escola, a igreja, a prisão, o exército, o estado, o hospital, que estão a serviço da captura e controle da potência e da dimensão criativa do corpo. Percebemos uma ambivalência entre um corpo perseguido e um corpo que escapa.

O corpo mirado pelo poder disciplinar é o corpo orgânico, mas o corpo que nasce da resistência aos dispositivos disciplinares é o Corpo sem Órgãos: eis as vicissitudes do processo de criação do *corpo-masculino-marginal* desses professores.

REFERÊNCIA

AGAMBEN, Giorgio. Infância e história. Destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora: UFMG 2005.

ARTAUD, Antonin. Escritos. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURCIER, Marie-Hélène. Sexpolitique. Queer zones 2. Paris: La Fabrique Editions, 2005.

CONNELL, Robert W. Masculinities. México: Cambridge: Polity Press, 1995.

CURINGA. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 18/05/2009, p. 01-17.

DAVI. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 28/06/2009, p. 01-09.

DOEL, M. “Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Diferença e Repetição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 1991.

DERRIDA, Jacques. Torres de Babel. Belo Horizonte: Editora UFMG , 2002.

_____.Violência e Metafísica. In: DERRIDA, Jacques. La escritura y La diferencia. Barcelona: Anthropos, 1997.

ESPINOSA, Benedictus de. Ética. [Tradução de Tomaz Tadeu]. – 2 ed. – Belo Horizonte, 2013.

FOUCAULT, Michell. História da Sexualidade (Vol. I: A vontade de saber). Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade (Vol. II: O uso dos prazeres). Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do Saber. [Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves]. – 7. ed. – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2005.

HÍBRIDO. Entrevista concedida em 12/06/2009, p. 01- 22.

LINS, Daniel & GADELHA, Silvio (orgs). Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo? Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. A Construção Social da Masculinidade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RICARDO. Entrevista concedida a Rogério Machado Rosa em 10/05/2009, p. 01-12.

SERRES, Michel. Filosofia mestiça – Le tiers-instruit. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&S, 2003.

VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault & a Educação. – 2ª Ed. Belo Horizonte, 2004.